



Educação para a Morte como Instrumento de Humanização Hospitalar

Education for Death as an Instrument of Hospital Humanization

La educación para la muerte como instrumento de humanización hospitalaria

José Antonio da Silva¹; Julia Costa Lopes²; Luís Henrique Da Silva Costa³

¹ Universidade Americana - FUUSA
- Florida University

² Faculdade Ciências Médicas de
Minas Gerais

³ Faculdade Pitágoras São Luís-MA

Correspondência

janthonous@uol.com.br

Direitos autorais:

Copyright © 2025 José Antonio da
Silva; Julia Costa Lopes; Luís
Henrique Da Silva Costa

Licença:

Este é um artigo distribuído em
Acesso Aberto sob os termos da
Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional. CC BY-SA

Submetido:

20/07/2025

Aprovado:

22/08/2025

ISSN:

2966-1218

RESUMO

A Educação para a Morte (EPAM) é uma área de estudo e atuação essencial para profissionais da saúde e da educação, que visa abordar explicitamente temáticas como morte, perdas e luto na sociedade. Historicamente, a morte tornou-se um tabu, afastando-se das discussões cotidianas e isolando sua vivência, o que resulta em carência de formação para os profissionais de saúde. Esta lacuna, aliada a um modelo de atenção à saúde focado na cura em detrimento do cuidado, gera sentimentos de despreparo, impotência e sofrimento nos profissionais ao lidar com a terminalidade. A EPAM, ao promover a reflexão teórica e a vivência prática, capacita os profissionais para uma atuação mais humanizada, baseada no acolhimento, na comunicação e no suporte integral ao paciente e sua família, ressignificando a morte como parte natural da existência humana.

Palavras-chave: Educação para morte; Morte; Luto; Formação Profissional; Cuidados Paliativos.

ABSTRACT

Education for Death (EPAM) is an essential area of study and practice for health and education professionals, aiming to explicitly address topics such as death, loss, and grief in society. Historically, death has become taboo, largely removed from everyday discussions and isolated from the experience, resulting in a lack of training for health professionals. This gap, combined with a health care model focused on cure rather than care, generates feelings of unpreparedness, helplessness, and suffering in professionals when dealing with terminal illness. By promoting theoretical reflection and practical experience, EPAM empowers professionals to practice more humanely, based on acceptance, communication, and comprehensive support for patients and their families, redefining death as a natural part of human existence.

Keywords: Education for death; Death; Mourning; Professional Training; Palliative Care.

RESUMEN

La Educación para la Muerte (EPAM) es un área esencial de estudio y práctica para profesionales de la salud y la educación, cuyo objetivo es abordar explícitamente temas como la muerte, la pérdida y el duelo en la sociedad. Históricamente, la muerte se ha convertido en un tabú, en gran medida excluida de las conversaciones cotidianas y aislada de la experiencia, lo que ha resultado en una falta de formación para los profesionales de la salud. Esta brecha, sumada a un modelo de atención médica centrado en la curación en lugar del cuidado, genera sentimientos de falta de preparación, impotencia y sufrimiento en los profesionales al abordar la enfermedad terminal. Al promover la reflexión teórica y la experiencia práctica, la EPAM empodera a los profesionales para una práctica más humana, basada en la aceptación, la comunicación y el apoyo integral a los pacientes y sus familias, redefiniendo la muerte como parte natural de la existencia humana.

Palabras clave: Educación para la muerte; Muerte; Duelo; Formación Profesional; Cuidados Paliativos.

Introdução

A morte, embora seja uma certeza universal e uma parte intrínseca do ciclo da vida, ainda é amplamente considerada um tabu nas culturas ocidentais contemporâneas, sendo frequentemente evitada em discussões e silenciada no ambiente familiar e escolar (Pires, 2020). Philippe Ariès (2003) destaca que a percepção da morte passou por diversas transformações históricas, deixando de ser um processo natural e coletivamente vivenciado para se tornar um evento a ser ocultado, especialmente a partir das mudanças sociais, culturais, tecnológicas e econômicas da Idade Moderna. Essa constrição do tema afasta a sociedade de uma meditação necessária sobre a finitude, que, estranhamente, é fundamental para a substância da própria vida (Lima *et al.*, 2018).

No contexto da saúde, a ocultação da morte é ainda mais acentuada. O modelo de atenção à saúde predominante historicamente prioriza a prevenção, o diagnóstico, o tratamento efetivo e a cura de doenças (Trevisan; Maciel, 2023). Diante da incurabilidade de determinadas enfermidades, esse modelo se mostra ineficaz, e a morte é comumente significada como um fracasso terapêutico, tanto para o sistema quanto para o profissional (Da Silva Costa, 2024). Essa visão impede uma abordagem holística, que considere os aspectos emocionais, sociais e espirituais do ser humano em processo de finitude.

Apesar de a morte estar presente no cotidiano dos profissionais de saúde, a formação

acadêmica, na maioria dos casos, ainda é insuficiente para prepará-los para lidar com esse fenômeno (Oliveira-Cardoso; Santos, 2017). Os currículos universitários tendem a focar no tecnicismo, relegando a um segundo plano a abordagem dos sentimentos despertados pela terminalidade, a comunicação de más notícias, o processo de luto e o suporte psicossocial a pacientes e familiares (De Almeida; De Oliveira Quadros, 2024). Isso gera uma lacuna significativa que impede o desenvolvimento de uma postura verdadeiramente humanista no cuidado.

De acordo com Casarin e Carnichili (2018) a deficiência na formação resulta em profissionais inseguros, que frequentemente se sentem despreparados, impotentes e angustiados diante da morte e do sofrimento alheio. O contato diário com a doença e a morte, sem o devido preparo teórico e emocional, pode levar a um intenso desgaste, cansaço e sofrimento, contribuindo para problemas como a Síndrome de Burnout (Lima *et al.*, 2017). Essa falta de preparo os impede de oferecer um cuidado integral e de qualidade, que transcenda os aspectos puramente técnicos e farmacológicos.

Diante desse cenário, a Educação para a Morte emerge como uma proposta fundamental para promover uma abordagem mais saudável e consciente em relação à vida e à morte, visando à humanização do ambiente hospitalar e da prática profissional (De Almeida; De Oliveira Quadros, 2024). Já para Santos e Pintarelli (2019) a educação para a morte busca fornecer ferramentas

emocionais, psicológicas e filosóficas para lidar com a finitude humana, possibilitando um enfrentamento mais tranquilo e reflexivo desse evento inevitável, tanto para os pacientes e seus familiares quanto para os próprios cuidadores.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica. Foram consultadas publicações científicas disponíveis em bases como SciELO, LILACS e PubMed, entre os anos de 2019 a 2025. O recorte temporal foi definido com o objetivo de contemplar análises recentes, especialmente após o início da pandemia, que provocou alterações significativas na dinâmica da APS.

Os descritores utilizados na busca foram: “Atenção Primária à Saúde”, “Sistema Único de Saúde”, “desafios na saúde pública”, “perspectivas em saúde” e “políticas públicas de saúde”. Como critérios de inclusão, foram considerados artigos completos, publicados em português, com abordagem temática central na APS brasileira. Excluíram-se estudos com foco em realidades internacionais ou que tratassem de outros níveis de atenção à saúde.

Resultados e Discussões

A Educação para a Morte, na perspectiva de Maria Júlia Kovács (2005), é um campo que busca o desenvolvimento pessoal de forma mais integral, visando encontrar o sentido que a morte pode oferecer à vida. Trata-se de uma proposta que se constitui em uma abordagem direta às

temáticas "vida, morte, perdas e luto", tornando-as objetos de estudo e conteúdos de ensino, a serem abordados tanto em ambientes formais quanto informais (Da Silva Costa, 2024). Para o homem, a vida e a morte constituem os limites da existência, e a EPAM é a preparação para a libertação do condicionamento humano, permitindo a reintegração na natureza espiritual.

Historicamente, a naturalidade da morte já foi mais aceita em civilizações agrárias e pastoris, contrastando com a complexidade e o pavor introduzidos com o desenvolvimento da civilização e as interpretações teológicas (Moraes *et al.*, 2024).

No ambiente hospitalar, a educação para morte se alinha diretamente com os Cuidados Paliativos, uma filosofia que surgiu para considerar os avanços tecnológicos sem perder o contato humanizado (Lima *et al.*, 2018). Os Cuidados Paliativos, idealizados por Cecily Saunders em 1967, focam no cuidado do doente e não apenas da doença, buscando aliviar o sofrimento físico, psicológico, social e espiritual para ofertar um morrer com dignidade, seguindo princípios da bioética como autonomia e beneficência (Santos, 2021). Assim, a morte não é um fracasso, mas parte da condição humana.

De acordo com Carvalho *et al.* (2017) as pesquisas evidenciam a persistência de limitações nos currículos dos cursos da área da saúde em relação ao processo de morte e morrer, o que ocasiona barreiras estruturais e formativas para o cuidado de pacientes em terminalidade. Já para Souza *et al.* (2023) muitos profissionais da

nutrição e farmácia, por exemplo, relatam que o tema não é abordado em sua formação, mesmo estando inseridos em um ambiente hospitalar onde o contato com a morte é frequente. O ensino muitas vezes é pautado na transmissão passiva de conhecimento, centrado na doença e reabilitação, não contemplando a complexidade humana.

No entanto, Nascimento *et al.* (2022) mostra que a reflexão teórica sobre a morte e o processo de morrer diminui a ansiedade relacionada à atividade prática. Acadêmicos que recebem treinamento completo, teórico e prático, em Cuidados Paliativos demonstram maior confiança e melhor desempenho diante de situações de terminalidade (Alves, 2018). Essa abordagem dialética, onde a prática dá sentido à teoria e a teoria ressignifica a prática, é fundamental para o sucesso da educação para a morte.

A comunicação é uma habilidade crucial e frequentemente apontada como deficiente entre os profissionais de saúde (Lima; Andrade, 2017). A educação para a morte, através de treinamentos e discussões, visa aprimorar a capacidade de comunicar más notícias, dialogar com clareza e sensibilidade, e estreitar vínculos com pacientes e suas famílias. A autoeficácia em comunicação é significativamente melhorada com a formação teórica aliada à prática.

Segundo Marton (2019) além da comunicação, a multidisciplinaridade é um aspecto valorizado na humanização hospitalar. O trabalho em equipe permite uma abordagem mais completa das dimensões do sofrimento (físico,

emocional, social, espiritual) e oferece suporte mútuo entre os profissionais, minimizando o sentimento de isolamento e desgaste. A residência multiprofissional, por exemplo, tem se mostrado um espaço de vivências agregadoras e suporte formativo e emocional (Nascimento *et al.*, 2022).

A educação para a morte auxilia na superação de medos específicos relacionados à morte, como o medo do desconhecido, do processo de morrer e da morte prematura (Da trindade Vieira; Da Silva, 2024). Ao tornar a morte um assunto conversável e compreensível, ela se desloca da posição de ser escamoteada para ser visível, de interdita para pensável, o que gera repercussões positivas para o paciente, o familiar e o cuidador.

É fundamental quando falar sobre a morte também aborde as experiências pessoais dos profissionais com a morte (Fukumitsu, 2018). As angústias, incertezas e sentimentos de impotência relatados pelos estudantes e residentes demonstram a necessidade de um espaço para processar suas próprias perdas e emoções, evitando que estas interfiram na prática profissional (Malta; Rodrigues; Priolli, 2018). A habilidade de separar a vida pessoal da profissional, sem negar o sofrimento, é um aprendizado valioso oferecido por tais grupos.

De acordo com Franco (2019) a residência em saúde é identificada como um local de grande potencial para complementar a formação defasada da graduação, oferecendo um espaço de aprendizado prático e teórico mais aprofundado

sobre a morte e o morrer. Embora ainda apresente lacunas, a vivência em serviço permite aos residentes desenvolver a segurança necessária para lidar com essas situações complexas.

A mudança de paradigma do "curar a todo custo" para o "cuidar" é central para a humanização. Quando o foco é o cuidado, a morte é compreendida como parte da condição humana, e o sujeito não se limita à sua doença pode-se assim entender melhor as outras dimensões de sua existência são valorizadas e trabalhadas em equipe, dignificando o processo de morte e morrer (Meireles *et al.*, 2022).

O estudo sobre a morte também deve integrar a dimensão espiritual e religiosa no cuidado. Muitos pacientes e suas famílias recorrem à fé em momentos de finitude, e os profissionais precisam estar preparados para compreender e respeitar essas manifestações, oferecendo apoio espiritual quando necessário, sem emissão de juízo de valor (Schopenhauer, 2018).

A morte de crianças é um aspecto particularmente desafiador e intensificador do sofrimento para os profissionais de saúde (Nina *et al.*, 2021). É vista como uma ruptura do ciclo biológico, uma inversão cronológica que gera angústia, tristeza e frustração (Da Silva Costa, 2024). A educação para a morte deve oferecer suporte e estratégias específicas para lidar com essa complexa realidade.

A educação para a morte é uma resposta à negação social e cultural da finitude, que leva ao despreparo e ao medo (Oliva, 2024). Ela busca

normalizar o tema, tornando-o um assunto aberto ao diálogo e à reflexão em diversos espaços, como a escola, a família e a comunidade. Essa abertura permite que a criança, por exemplo, compreenda a morte de forma mais saudável e elabore seu luto.

Além disso, a arte pode servir como um instrumento de mediação para a educação para a morte, facilitando o diálogo e a tomada de consciência sobre a morte e o morrer (Chagas, 2018). Ao provocar a catarse através da oposição entre forma e conteúdo em obras artísticas, a arte pode promover a elaboração psíquica de sentimentos complexos relacionados à morte, acessando seu caráter social e político. Isso reforça a ideia de que falar sobre a educação para a morte não é meramente técnica, mas um processo de autoconhecimento e desenvolvimento integral.

Considerações Finais

A Educação para a Morte é um instrumento fundamental para a humanização do cuidado hospitalar, ao capacitar os profissionais de saúde a lidar com a finitude humana de maneira mais empática, compreensiva e eficaz. Ao abordar as lacunas na formação tradicional e integrar aspectos teóricos, práticos e emocionais, falar sobre a finitude permite que a morte seja vista não como um fracasso a ser evitado, mas como uma parte natural e digna da existência que demanda cuidado integral e respeito. Isso resulta em uma melhor gestão do sofrimento, tanto do paciente e da família quanto do próprio

profissional, promovendo um ambiente de cuidado mais acolhedor e menos ansiogênico.

Para além do contexto hospitalar, a EPAM tem um impacto significativo na sociedade como um todo, ao desmistificar a morte e transformá-la de um tabu em um tema passível de diálogo e reflexão. Ao educar sobre a inevitabilidade da morte, ela não apenas prepara os indivíduos para lidar com suas próprias perdas e a dos outros, mas também fomenta o autoconhecimento e a valorização da vida em sua plenitude. Essa abordagem contribui para uma cultura mais humanizada, onde a empatia e o suporte se tornam pilares nas relações humanas diante da dor e da terminalidade.

Portanto, é imperativo que haja um investimento contínuo na Educação para a Morte, seja através da reformulação dos currículos acadêmicos, da oferta de programas de formação continuada para profissionais de saúde e educação, ou da criação de espaços de apoio e reflexão nas instituições. Ao capacitar os indivíduos para enfrentar a morte com serenidade e compreensão, a educação para a morte não só eleva a qualidade do cuidado em saúde, mas também promove o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente, resiliente e compassiva, reafirmando que a vida e a morte são fenômenos inseparáveis, exigindo uma abordagem integrada e humanizada.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ediouro Publicações, 2003.

CARVALHO, Álvaro et al. **Referencial de Educação para a Saúde**. 2017.

CASARIN, Roberson Geovani; CARNICHELI, Elaine Kezen Rodrigues Nogueira. O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 9, n. 1, p. 301-319, 2018.

Da Silva Costa, Luís Henrique. A Morte E O Morrer No Contexto Hospitalar: A Importância Do Acompanhamento Psicológico Aos Pacientes E Familiares. **Revista Cedigma**, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2024.

DA SILVA COSTA, Luís Henrique. O DILEMA CHAMADO MORTE. **Revista Cedigma**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2024.

DA TRINDADE VIEIRA, Esther Isabella; DA SILVA, Daniela Sulamita Trindade; DE ARAÚJO SOARES, Artemis. Por uma educação para morte em tempos de luto. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 6, p. e4830-e4830, 2024.

DE ALMEIDA, Adriana Henemann; DE OLIVEIRA QUADROS, Silvia Cristina. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PARA MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **ARACÊ**, v. 6, n. 3, p. 10772-10784, 2024.

FRANCO, Indayá da Silva Machado Freire. Morte e luto em cuidados paliativos: vivência de profissionais de saúde. **Journal of Research Fundamental Care Online**, 2019.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. Summus Editorial, 2018.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, p. 484-497, 2005.

LIMA, Maria Juliana Vieira; ANDRADE, Noeme Moreira de. A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 958-972, 2017.

LIMA, Roberta de et al. Educação para a morte: sensibilização para o cuidar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1779-1784, 2018.

- LIMA, Roberta de et al. A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso. 2017.
- MALTA, Regina; RODRIGUES, Bruna; PRIOLLI, Denise Gonçalves. Paradigma na formação médica: atitudes e conhecimentos de acadêmicos sobre morte e cuidados paliativos. **Revista brasileira de educação médica**, v. 42, n. 2, p. 34-44, 2018.
- MARTON, Scarlett Zerbetto. **A morte como instante de vida**. PUCPress, 2019.
- MEIRELES, Antônio Alexandre Valente et al. Sobre a morte e o morrer: percepções de acadêmicos de medicina do norte do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, 2022.
- MORAES, Ivete Iara Goes de et al. Vamos conversar sobre a morte na educação?. 2024.
- NASCIMENTO, Lilian Ferreira do et al. Compreensão da morte e do morrer: um estudo com residentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e233879, 2022.
- NINA, R. V. et al. As diversas faces da morte de crianças na perspectiva de médicos e enfermeiros. **Medicina (Ribeirao Preto, Online)**, 2021.
- OLIVA, Luís César. **A existência e a morte**. WMF Martins Fontes, 2024.
- OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes; SANTOS, Manoel Antônio dos. Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 500-514, 2017.
- PIRES, J. Herculano. **Educação para a morte: Herculano Pires**. Correio Fraternal, 2020.
- SANTOS, Thalita Felsky dos; PINTARELLI, Vitor Last. Educação para o processo do morrer e da morte pelos estudantes de Medicina e médicos residentes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 2, p. 5-14, 2019.
- SANTOS, Inês. A educação na morte. 2021.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo: o amor-a morte-a arte-a moral-a religião-a política-o homem e a sociedade**. Edipro, 2018.
- SOUZA, Lohana Guimarães et al. Profissionais de Saúde e Educação Para Morte: um estudo do ensino superior brasileiro. **Saúde Redes**, p. 16-16, 2023.